

A mítica neoliberal, o sistema esportivo, a mídia e o herói esportivo: a construção de uma estória de retalhos de verdade mascarada de verdade revelada

Santiago Pich

Resumo

O presente artigo propõe uma discussão da figura do herói esportivo, entendido como uma estratégia de formatação da subjetividade humana, principalmente das classes populares, no sentido de favorecer a reprodução da estrutura social capitalista e também como estratégia de ocultar as contradições da citada estrutura. A análise está centrada na tríplice relação entre a personagem do herói esportivo, o imaginário social e a mídia, uma vez que esses elementos são entendidos como os pilares para a criação da trajetória das personagens heróicas vindas do mundo esportivo. Realizamos, ainda, uma análise crítica da perspectiva que tem sido assumida no campo acadêmico da Educação Física para abordar o fenômeno do herói, e apontamos possibilidades para um outro procedimento de análise desse fenômeno.

Palavras chave: Heróis; Esportes.

Coordenador do Curso de
Educação Física da Faculdade de
Pato Branco – FADEP. Mestre em
Educação Física.

Perspectiva. Florianópolis, v.21, n.01, p. 199-227, jan./jun.2003

1 Introdução

Nos interessa a figura do herói de forma ampla por entendermos que nesse modelo identitário foram encarnadas tipologias de personalidades características de diversos sistemas sociais, e entendemos que atualmente a situação não é diferente. Partimos do pressuposto de que a figura modelar do herói esportivo encarna o arquétipo identitário do sistema neoliberal. Essa figura encontra hoje sua construção ou criação nos meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, a partir da reunião de retalhos de verdade que acabam sendo costurados de tal forma que tornam a história de vida dos heróis esportivos uma estória de vida. Provocam um mascaramento de diversos acontecimentos da vida do sujeito, contrários aos interesses dos grupos aos quais a mídia está vinculada, tornando essa estória útil à manutenção do *status quo*.

As características que coloreiam a nova narrativa criada sobre o esportista é fruto de uma engenhosa articulação entre desejos e frustrações populares capitalizadas pela produção de uma proposta de identidade modelar que se coloca como a redentora das classes populares, como o único caminho possível para a mudança da sua condição social, sem, obviamente, provocar câmbios estruturais na ordem social.

A “engenharia” a que nos referimos, que chamaremos de economia política dos afetos, deve ser entendida a partir da dinâmica dialética da sua produção. A ordem social capitalista, como estamos cansados de observar, tem produzido e continua produzindo um dos maiores processos de exclusão social, tanto econômica quanto afetiva, da história humana. Essa ordem social tem criado níveis absurdos de miséria, portanto criou uma classe social de oprimidos que cotidianamente são vinculados a valores como a indolência, a criminalidade, a indisciplina, o desrespeito, a falta de educação. Ainda a condição social em que esses sujeitos se encontram sempre é vinculada à incapacidade dos mesmos em produzir mudanças nas suas vidas, embora contem, segundo a mídia nos mostra, com todas as condições para se tornarem pessoas bem sucedidas, sucesso marcado sempre pelo êxito no plano econômico. Esses sujeitos, portanto, vivenciam um profundo sentimento de fracasso do qual eles próprios são responsáveis. Assim sendo, sempre é no indivíduo e não estrutura social onde residem os motivos da exclusão social.

A figura do herói esportivo, veiculada pela mídia e instituída no imaginário social, adquire o status da resposta possível para superar as frustrações do insucesso social, e tornar os indivíduos aceitos pela sociedade tanto econômica- quanto afetivamente (nessa ordem), captando assim os desejos populares de ascensão social. Dessa maneira a própria estrutura que cria a exclusão, gera ao mesmo tempo estratégias de controle social mantendo nos indivíduos a esperança de um futuro melhor, sem colocar em risco a reprodução da ordem social vigente.

2 A mítica neoliberal

Um primeiro elemento importante a ser levado em consideração na reflexão que tentamos iniciar e que constitui um dos pilares da nossa postura, diz respeito à concepção de que todo modelo societário encontra seu assento numa narrativa, que procura dar respostas a questionamentos antropológicos fundamentais, tais como quem somos, de onde viemos, para onde vamos. Essas narrativas constituem um complexo simbólico que situa e identifica uma sociedade enquanto tal. A modernidade, numa tentativa por extirpar os demônios que assolavam o espírito humano, tentou banir da esfera das explicações “normais” aquelas vinculadas ao pensamento mítico. Dentre os muitos motivos utilizados pelo pensamento moderno para propor a superação do pensamento mítico e metafísico destacamos a falta de objetividade desse tipo de pensamento e a fantasia característica do mesmo. O pensamento mítico estaria habitado por seres fantásticos, frutos do devaneio da consciência, do domínio da loucura, da poesia. A mais benevolente das valorações considerou o pensamento mítico como pré-lógico. Por outro lado, apontamos a vinculação desse tipo de pensamento aos povos “descobertos”, sobre os quais foi lançado um olhar eurocêntrico que reclamava fundamentos para legitimar a superioridade do processo civilizador ocidental, e o conseqüente papel “humanitário” de civilizar o planeta correspondente aos povos europeus.

No entanto, nesse projeto revelou-se a substituição de uma meta-narrativa mítica por outra ou outras meta-narrativas míticas. Tanto no que diz respeito à proposta marxista (ELIADE, 2000)², quanto às retóricas liberal e neoliberal. Essas últimas fundamentadas na idéia do sujeito soberano, figura identitária paradigmática desse sistema. Uma ordem social fundamentada no paradigma liberal ofereceria igualdade de oportu-

nidades a todos os seus integrantes e para aqueles que ficassem excluídos haveria ainda a possibilidade da mão invisível (tão invisível que continua sem ser vista) do impulso filantrópico humano que distribuiria riqueza entre os mais carentes. Dito de outro modo, entendemos que todo sistema social cria histórias de referência para os indivíduos que dela participam, no sentido de promover um processo socializador favorável à manutenção do sistema, à reprodução do mesmo. Neste momento particular nos interessa o modo de operar desse processo no sistema do capitalismo pós-industrial, fundado na concepção neoliberal de política.

Um ponto de partida para compreender a estruturação da narrativa mítica neoliberal está relacionado ao percurso que deve percorrer o sujeito no sentido de se tornar parte aceita e desejada do contexto social contemporâneo. A trajetória do “herói neoliberal” parte da apresentação de uma sociedade na qual todos os sujeitos se encontram numa situação de igualdade de oportunidades e condições para atingir o sucesso. Ainda, todos devem se esforçar para descobrir a luz interior, ouvir o desígnio do destino, atender o chamado da voz que clama no interior para ser liberada e cumprir o mandato para o qual se está na terra. Em um segundo momento, o indivíduo deve passar por um processo iniciático que o levará a se enfrentar com as forças do mal, que normalmente o encontram diariamente, uma vez que o mal é representado pela pobreza, mais ainda pela vergonha de ser pobre, pela anomia a que leva essa condição, ao lugar de não-existência dos sujeitos que se encontram nessa condição. Essa luta que o indivíduo deve travar na solidão de sua condição de herói, o remete à negação de sua condição de classe, uma vez que o principal alvo da narrativa ora descrita é o indivíduo de classe popular que deve almejar o modelo burguês de sujeito e o universo de valores que esse modelo representa.

O processo e o resultado da luta será interpretado por nós numa perspectiva dialética, porque por um lado esse processo implica na negação da condição de classe do indivíduo e por outro na incorporação de valores burgueses e na exposição pública do herói no zoológico contemporâneo que constitui a mídia. Na culminação da viagem mítica do herói vemos elevado o mesmo à condição de semi-deus, de (pseudo)-capitalista³, momento esse que comporta uma transformação essencial do sujeito. Na culminação da trajetória do herói ele voltará à sua terra natal já não mais o mesmo, ele será um ícone, um modelo exemplar para aqueles

que ainda não tiveram, segundo o discurso neoliberal, a coragem de encarar a viagem do herói, e será honrado com o amor do povo. A condição atingida é a do semi-deus adorado e reverenciado pelo povo. Tal status permite ao herói influenciar nas decisões dos poderosos, tornar-se a voz, o grito reprimido do povo submetido e ter um irresistível poder de sedução, assim sendo a condição semi-divina, comporta o ganho de uma carga considerável de poder simbólico, sexual, político e, principalmente, econômico, pautado pela idéia de liberdade que sintetiza esses ganhos⁴.

Lamentavelmente, essa viagem mítica, por causa de todos os obstáculos que se interpõem no caminho, será completada somente por alguns, aqueles que ouviram o chamado, que foram escolhidos pelos deuses, que contavam com o dom divino. Os obstáculos põem à prova o candidato a herói e servem para elucidar quem realmente é o escolhido dos deuses, legitimando assim a seleção “divina” dos triunfos com que participará cada jogador. Esse quadro naturaliza a seleção daqueles que alcançam a nova condição, demonstrando claramente que aquele que completa a trajetória estava determinado, decidido e que contava com as competências necessárias para tal feito. Por outro lado, aponta a debilidade daqueles que não completaram a viagem e que desistiram no caminho, motivo pelo qual nunca, ou pelo menos não por enquanto, terão o direito de serem reconhecidos como heróis.

Para os participantes que não completaram a viagem a porta para uma nova participação no jogo é deixada aberta, mas só por um feixe, alimentando o desejo e a esperança de que, talvez na próxima tentativa, a graça dos deuses lhes seja concedida. Esse elemento é extremamente importante na manutenção do sistema e na legitimação do mesmo como uma estrutura social que oferece oportunidades a todos por igual. A possibilidade de se aventurar novamente no jogo, de tentar repetidas vezes, é, ainda, fortemente estimulada. Quem sabe a próxima tentativa dará certo? Se não houvesse essa pequena luz de esperança no final do túnel, luz que é construída pelo aparelho ideológico constituído pelas instituições do capitalismo neoliberal e pelo consentimento fundado na desesperança da maioria da população dos indivíduos (excluídos da riqueza do sistema), o sistema se esvaziaria.

Queremos nos deter por um instante no último ponto abordado, por entendermos que nele está contido um dos pilares mais importantes no sistema de reprodução da ordem social capitalista. Se fossem fechadas todas as portas, o jogo estaria encerrado para todos os participantes que

não completaram a viagem, a saga do herói, e conseqüentemente, o sistema perderia sua mola mestra, a maioria dos indivíduos que permanecem na estrutura social vigente acreditando na possibilidade de um dia serem incluídos, de se tornarem “insiders” do sistema. Ainda, a chance dada aos jogadores para continuar participando demonstra a bondade da estrutura social neoliberal e sua preocupação com a igualdade de oportunidades deixando a porta aberta (do desejo) para que os vencidos voltem permanentemente a participar. No entanto, cada nova tentativa exige de cada jogador um árduo treinamento para não deixar escapar, para agarrar com as duas mãos esta nova chance. Esse treinamento implica aprofundar as regras do jogo do mercado: competição, rendimento, consumo, regras que eficientemente interiorizadas prometem sucesso na nova empreitada.

Cabe neste momento nos perguntar quais são as possíveis bases sociológicas e antropológicas para a nossa massiva adesão e identificação com as figuras heróicas contemporâneas. Entendemos que há um complexo de fatores para compreender tal situação. No entanto, acreditamos que há um motivo central nesse processo que diz respeito à anomia que caracteriza a sociedade contemporânea. Concebemos o ser humano como um ser que tende à individuação, à construção de um eu autônomo, que se faz e refaz na rede de interações sociais que cada sujeito estabelece. Porém, observamos atualmente uma estrutura social que promove a acomodação do sujeito a um lugar e a um molde identitário, e não a construção de uma subjetividade emancipada. A escola, ainda privilegia a memorização mecânica e opera como disciplinadora dos indivíduos; os meios de comunicação, em particular a televisão, caminham no sentido da banalização da imagem e da informação; o mundo do trabalho pauta-se por critérios que continuam alienando o trabalhador da sua produção, inserindo-o num universo altamente regrado, mecânico e reprodutivista. Nesse contexto, o impulso à autonomia encontra-se oprimido, reprimido, diminuído. Essa é a principal fonte utilizado pelo sistema para a criação de figuras, pautadas por um alto conteúdo ideológico, que promovem um significativo grau de identificação social, uma vez que encarnam o arquétipo do humano, o ser humano autônomo.

Eliade (2000, p. 158) abordando a figura de *Superman* numa perspectiva mítica nos diz que: “Se aprofundamos nossa reflexão, o mito de *Superman* satisfaz as nostalgias do homem moderno que, entendendo-se frustrado e limitado, sonha com se revelar um dia como um “persona-

gem excepcional”, como um herói.” *Superman* vive uma personalidade dupla que pendula entre a identidade de Clark Kent e a de *Superman*. Clark Kent carrega os atributos de um indivíduo comum, que permite ao espectador perceber o drama da sua própria vida na trama desse personagem cuja característica central é a frustração e a limitação das suas possibilidades. Entretanto, quando acontece a transformação em *Superman* esse mesmo indivíduo vê transformada sua condição para um indivíduo vencedor que transpõe qualquer barreira. O herói é um ser humano, que assume em condições particulares características de semi-deus. (RÚBIO, 2001).

O caráter rotineiro e altamente estruturado e controlado da vida social contemporânea também constitui-se em fundamento para outra “aventura antropológica”, desta vez na forma de esportes de aventura, cujos adeptos, sedentos de grandes quotas de adrenalina, aumentam na mesma proporção que cresce a exigência para o rendimento e a burocratização do dia-a-dia (FEIXA, 1994). Assim sendo, a figura do herói consegue reunir, atrair, cativar a anomia social e, através de uma estratégia esdrúxula, convence o público da sua participação nas conquistas do herói. Por esses motivos o herói congrega os mais profundos sentimentos populares ocasionando grandes comoções populares pela sua morte ou desaparecimento. Eliade (2000) comenta o caso dos heróis das histórias de quadrinhos, cuja morte ocasionava movimentos reivindicatórios junto aos editores por milhares de leitores. Uma situação semelhante a essa foi vivenciada no Brasil com a morte de Ayrton Senna, que mobilizou milhões de pessoas no país, e que tornou a figura do piloto de fórmula 1 em um quase-santo, ao qual se pede ainda hoje, que interceda para a concessão de alguma benção.

Devemos ainda destacar que a figura do herói será entendida no presente estudo de forma dialética, ao mesmo tempo como uma constante antropológica e por outro lado como uma figura que existe na medida que encontra uma âncora histórica. Neste ponto nos apoiamos na proposta de Campbell ([199-]), no entanto discordamos desse autor na medida que Campbell entende que a figura do herói evolui no decorrer da história. Nossa perspectiva será a de entender que essa figura enquanto significante identitário de uma sociedade é apropriada e investida de significado, portanto inscreve-se na ordem simbólica de toda sociedade. Essa participação da ordem cultural da sociedade implica na

legitimação da mesma, dessa maneira os significados, e principalmente os valores atribuídos ao herói não podem ser entendidos isoladamente, independentes dos interesses que produzem o discurso do herói. Nos tempos atuais a figura do herói não pode ser entendida fora do discurso da sociedade capitalista e das normas neoliberais⁵.

Nosso discurso até o momento não esteve pautado por um tom acadêmico rigoroso, frio e duro, como talvez as normas destes espaços demandam. Porém, entendemos que este tipo de narrativa deve ser incorporada ao discurso acadêmico (de fato os critérios para definir esse discurso são construções históricas e não leis naturais), e particularmente neste caso por se adequar à abordagem do nosso objeto.

A metáfora antes descrita é reproduzida pelas diversas instituições que contribuem com a formação do imaginário social capitalista, tais como a mídia, a escola, a religião e também a cultura corporal de movimento.⁶ Nesse último campo, e particularmente na forma como o mesmo se configura atualmente tendo como eixo central as práticas esportivas, encontramos fortes analogias com o quadro descrito, o que nos leva a entender que a cultura corporal de movimento, colonizada pelo esporte, seja um meio de concretização da narrativa mítica do herói capitalista.

Essas encenações estão relacionadas com a função de “ver”⁷ o humano e “in-corporá-lo”, torná-lo carne. No campo esportivo a figura do herói encarna o modelo identitário idealizado pelo sistema sócio-econômico capitalista, tornando-o objeto de desejo para o público. Assim sendo, chegamos à definição do nosso objeto, a trajetória do herói no campo esportivo, focalizando esse fenômeno na relação com a mídia, enquanto principal instituição social na construção da figura do herói esportivo.

Portanto, o caminho investigativo a ser percorrido abordará inicialmente a conceitualização dos campos aos quais nos referimos, o esporte, a mídia e a sociedade e as interações entre essas instituições sociais.

3 Esporte, mídia e imaginário social

O esporte, enquanto fenômeno social surgido na modernidade, foi e continua sendo objeto de transformações históricas, uma vez que ele é parte orgânica da sociedade, está organicamente relacionado a ela. Portanto, não podemos conceber o esporte como um fenômeno inerte e imune às mudanças sociais. Ainda, no contexto contemporâneo, essas

mudanças somente poderão ser compreendidas se prestarmos atenção para a relação entre os meios de comunicação de massa e “a falação”⁸ por eles criada sobre o esporte, e as formas como o sistema esportivo negocia com as significações criadas pela mídia. Assim sendo, o plano da disputa ou colaboração entre o sistema esportivo e os meios de comunicação é central para compreendermos os sentidos atribuídos ao esporte, que configuram o imaginário social sobre esse fenômeno. Nesse contexto nos aproximamos das palavras de Bracht (1997, p. 105):

É interessante notar que paralelamente à constituição desta grande organização burocrática mundial (o sistema esportivo) uma série de outras instituições foram/são coadjuvantes e hoje constituem este grande sistema, o esportivo. Cito, para exemplificar, o caso dos massmedia e da ciência/tecnologia.

Dessa maneira o esporte não se restringe à sua dimensão operacional na atividade ou prática esportiva, uma vez que essa prática encontra-se determinada por múltiplas instituições, dentre elas notadamente os meios de comunicação de massa. Nosso trabalho priorizará as mudanças registradas nas dimensões significacional e fenomenal do esporte operadas e influenciadas via meios de comunicação de massa, bem como a relação dialética entre o sistema organizacional do esporte e a lógica do telespetáculo, para na seqüência nos ocupar com a crescente especialização do “esporte espetáculo” (BETTI, 1998, 1999) e suas estratégias de ação, tendo como foco o problema do herói esportivo.

Perante as mudanças significacionais e fenomenais do esporte, devemos tentar compreender quais as significações possíveis sobre o mesmo para permitir ao leitor identificar a que nos referimos quando empregamos esse conceito. Assim sendo, entendemos que é necessária uma revisão conceitual das categorias que constituem o cerne do nosso trabalho, isto é, o esporte, os meios de comunicação e o imaginário social. Categorias sobre as quais fundamentaremos nosso objeto: a figura do herói esportivo construída pela mídia. Partimos do pressuposto de que nossa abordagem deve ser realizada a partir das inter-relações que se operam entre as categorias analisadas, por constituírem uma totalidade dinâmica atravessada por permanentes interações. Se não fizermos o esforço de compreender as categorias mencionadas poderemos cair no risco de banalizar o objeto de nossa análise.

Concebemos o esporte como um fenômeno genuinamente moderno e não como um produto da evolução da cultura corporal de movimento anterior ao século XVIII. (BRACHT, 1997; GRIESWELLE, 1978). A noção de corte histórico é fundamental se pretendemos compreender como se define a cultura corporal esportivizada influenciada/determinada pelos princípios da racionalidade moderna. Partimos do pressuposto de que se não procedermos dessa maneira poderemos descaracterizar o fenômeno esportivo e criar um modelo ilusório do mesmo. Para definir o esporte nos apropriamos do conceito de Grieswelle (1978):

Comportamento competitivo altamente regulado e orientado pela lógica meio-fim, surgido primeiro no esporte de corrida, isto é, na concorrência de esportistas (atletas) que serviam à nobreza. (...) Estas práticas corporais inglesas distinguem-se dos exercícios estamentais e jogos populares através de uma forte orientação para o rendimento e para a competição através de uma crescente racionalização. Com racionalização entende-se a cientifização e sistematização, regulamentação, organização consciente, orientação com vistas a um fim, planejamento e previsibilidade das ações, principalmente a economização e utilização de meios tecnológicos.

Vemos no conceito anterior claramente explicitada a idéia de que o esporte não pode ser pensado fora de um marco competitivo, profissional, especializado e organizado com base na lógica técnico-científica, elementos fundantes do imaginário moderno. Ainda, entendemos que é relevante mencionar que as instituições sociais encarregadas de reproduzir essa configuração do imaginário modificaram-se na medida que a ordem social capitalista sofreu alterações, sendo uma das mais importantes a expansão dos meios de comunicação, que implicaram na consolidação do processo massificado de comunicação a que assistimos atualmente. A mídia assumiu o papel de capilarizar as possibilidades de controle dos indivíduos, como consequência da consolidação do processo de incorporação na vida cotidiana dos diversos veículos midiáticos, o jornal impresso, o rádio, a TV e atualmente a internet.

Sabemos que as instituições midiáticas se orientam por uma relação comercial com o espectador⁹, que assume a figura de cliente para o qual tem que ser vendida uma perspectiva particular de visão de mundo, normalmente vinculada aos princípios do catecismo neoliberal. Dessa

maneira, na medida que as instituições sociais, que tradicionalmente cumpriam um papel protagônico na formação do sujeito, como a escola, a família e a igreja, recuam em importância, cresce o poder formador/instrutor dos meios de comunicação de massa, em particular a mídia eletrônica, o rádio, e principalmente a TV, à qual se soma hoje em dia a internet. Assistimos contemporaneamente, então, a um descentramento das relações de poder em diversas esferas da vida social, no que destacamos a esfera da família. Nos dias de hoje a TV compete, e em muitas ocasiões, vence a disputa de poder com o núcleo familiar primário da criança. Ao traçarmos um paralelo com o âmbito da cultura corporal de movimento podemos concluir que, se antigamente eram a escola e o clube¹⁰ as instituições que participavam da construção do imaginário esportivo, nos dias atuais esse papel foi ocupado pela mídia. O modelo espetacular do esporte criado pelos meios de comunicação de massa tornou-se a referência principal para a prática esportiva, modelo esse que consegue captar as frustrações e desejos vazios criados pelo aparato gerador de desejos e necessidades típico do modelo social capitalista.

A partir das colocações anteriores podemos sustentar o argumento de que o esporte participa do processo de criação e re-criação de significados sociais e que ele próprio constitui um campo do imaginário que denominamos de imaginário esportivo. Para compreendermos o imaginário esportivo, que participa do imaginário social na configuração da identidade social do sujeito de uma comunidade, entendemos que se faz preciso nos ocupar com a dimensão **mítica** do imaginário, elemento central na prática esportiva **real** do esporte espetáculo.

A construção de figuras míticas em torno do esporte têm sido uma tônica, principalmente a partir de que o fenômeno esportivo sofre um processo de espetacularização¹¹, operado principalmente pela TV. Segundo Bracht (1997, p. 114) “A realidade é organizada de uma nova forma, os elementos do real são combinados com produtos não reais, como a fantasia, o sonho e ficções.” Ainda o referido autor nos coloca:

O outro aspecto refere-se à espetacularização do esporte de alto rendimento via meios de comunicação de massa principalmente à TV. Este processo está ligado à construção dos grandes feitos dos heróis esportivos. (...) É na vitória do ídolo que a comunidade reconhece sua participação... (BRACHT, 1997, p. 115).

Dessa forma não podemos ficar alheios aos temas míticos que servem de base para a construção do espetáculo esportivo. Sendo a figura do herói um elemento central na compreensão desse universo simbólico que visa legitimar as significações centrais do pensamento neoliberal.

Outras narrativas míticas que podemos identificar no esporte são apontadas por Laguillaumie (1978):

- a) A crença no progresso linear: este mito, também denominado mito do progresso, fundamenta-se na crença da possibilidade de produção e acúmulo ilimitados criados a partir do capitalismo. No esporte presentifica-se na forma de quebra constante de recordes, através do lema olímpico *citus, altius fortius*.
- b) O mito do super homem: segundo esta narrativa as possibilidades de superação dos limites humanos colocaria o homem na posição de um semi-deus, capaz de vencer tanto as barreiras impostas pelo meio tanto as próprias “fraquezas e debilidades”, como fraqueza é identificado principalmente os sentimentos de dor, de cansaço, de fadiga, e eventualmente de compaixão. O homem poderá vencer o adversário, mas principalmente a dor provocada pelo sacrifício corporal produto do treinamento e da competição esportiva reavivando um ritual de purificação corpórea, que se torna a versão secular do ritual de purificação corpórea típico da tradição cristã.
- c) O mito da pacificação dos povos: nos encontros esportivos as diversas nações se encontram em som de paz para uma competição, que pretensamente seria um diálogo entre os mesmos utilizando uma nova linguagem universal, os códigos do esporte. No entanto a encenação reproduz um ritual “pacifista-militar”, uma vez que a tensão está pautada pela possibilidade das equipes concorrentes estarem em um nível mais ou menos homogêneo quanto ao seu poder “ofensivo”. Uma parada militar na qual ostentam-se armas corpóreas metaforizando desfiles de apresentação das últimas tecnologias bélicas prontas para resolver qualquer distúrbio que questione a ordem vigente. Esse mito tem sua versão de classes no *fair-play*: “El *fair-play* entre las clases es el fundamento del *fair-play* deportivo. En el plano internacional, (...) reconstituye el reflejo de una coexistencia pacífica”. (LAGUILLAUMIE, 1978, p. 49).

- d) Entendemos que às colocações de Laguillaumie pode ser acrescentado o mito da união nacional. Sabemos que toda nação assenta sua origem em uma narrativa mítica seja de forma explícita como a lenda de Rômulo e Remo na fundação de Roma ou seja de uma ordem supostamente histórica como foi a tônica dos países latino-americanos. Para a legitimação da idéia de nação ou de comunidade são instituídos símbolos que congregam os indivíduos desse grupo em torno das crenças, normas, valores que identificam a essa nação. (CASTORIADIS, 1982). O esporte tem sido um dos símbolos de união nacional mais fortemente explorados nos últimos anos. Vimos isto na última Copa do Mundo de Futebol, onde as vitórias esportivas eram consideradas um ganho da população que se fundia numa festa com os dirigentes dos diversos países, representando uma vitória coletiva, de uma nação homogênea, sem divisões de classes sociais na qual todos os indivíduos trabalham unidos em prol da identidade pátria. Vimos essa cena colocada de forma exemplar nas comemorações realizadas em Senegal por causa do sucesso da seleção senegalesa na copa do mundo. Nesse país foi decretado feriado nacional quando a seleção de futebol ganhou o passe às quartas de final da Copa do Mundo de 2002 no Japão. O presidente juntou-se ao povo, liderando a passeata pela capital, demonstrando a participação (mágica) da população e do presidente como “mestre guia” do povo no êxito esportivo do Senegal.

Todavia, para compreender as narrativas míticas presentes no imaginário esportivo devemos pensar nelas como uma configuração de sentidos que se articulam em torno da legitimação simbólica da ordem social capitalista. Retomando o pressuposto assumido no início do texto, entendemos que a narrativa mítica somente pode ser entendida a partir das relações que estabelece com o contexto sócio-histórico, com a ordem social da qual participa. Os rituais e mitos esportivos criados em torno das práticas corporais hegemônicas são, então, um universo simbólico que reflete numa ordem micro os valores e significados do sistema social vigente.

Ainda, segundo Bracht (1997, p. 97), “Na base da questão profissionalismo/amadorismo está presente o conflito social básico da sociedade capitalista, capital x trabalho.” Bracht demonstra que o esporte amador está vinculado à classe burguesa, e o esporte profissional à

classe trabalhadora, uma vez que para a primeira a prática esportiva está relacionada com o tempo livre, com uma atividade de lazer, enquanto para a classe popular o esporte representa um campo de trabalho, uma profissão, seja ela concreta ou em potencial. Assim sendo, o campo esportivo é também um espaço de disputa de poder simbólico, espaço que não é homogêneo no que diz respeito às possibilidades de interferência, se consideramos que os meios de comunicação de massa, enquanto agentes mais importantes na instituição de significados sociais, são dominados por uma minoria. Nesse sentido entendemos fundamental refletirmos sobre o processo de construção de significados sociais e a elaboração do discurso sobre o esporte. Para Bourdieu (1998, p.152),

Os que ocupam as posições dominadas no espaço social estão também em posições dominadas no campo de produção simbólica e não se vê de onde lhes poderiam vir os instrumentos que necessitam para exprimirem o seu próprio ponto de vista sobre o social, se a lógica própria do campo de produção cultural e os interesses específicos que aí se geram não produzisse o efeito de predispor uma fracção dos profissionais envolvidos neste campo a oferecer aos dominados, na base de uma homologia de posição, os instrumentos de ruptura com as representações que se geram na cumplicidade imediata das estruturas sociais e das estruturas mentais e que tendem a garantir a reprodução continuada do capital simbólico.

Os atores sociais ocupam diferentes posições de poder porque estão situados em lugares diferentes enquanto às possibilidades de produção simbólica, e enquanto a estrutura social seja pautada por uma lógica verticalista, é impossível pensar na hipótese de um processo democrático no processo de produção simbólica.

Retomando a discussão do conceito de esporte, observamos atualmente um processo de ampliação dos sentidos atribuídos ao mesmo. Nesse sentido ao termo esporte não mais lhe é atribuído um sentido de uma prática corporal marcada pelo confronto entre oponentes, isto é, orientada pelo vetor da competição, mas como o mesmo são designadas atividades das mais diversas como caminhar, *jogging*. No entanto, Betti (1998) esquece que essas atividades ainda carregam outros elementos centrais para a compreensão do esporte: a cientifização e a racionalização. As caminhadas devem ser realizadas no tempo estipulado, num ritmo de

batimentos cardíacos determinado, e com características ambientais definidas cientificamente. Outra mudança registrada no mundo esportivo diz respeito ao ingresso da mídia no cenário esportivo. Para Betti (1988), esse processo foi decisivo na profissionalização do esporte.

O esporte transformou-se num espetáculo modelado de forma a ser consumido por telespectadores que procuram um entretenimento excitante, e é parte cada vez maior da indústria do lazer, sendo fator decisivo para isso o papel da mídia, especialmente a televisão. (BETTI, 1998, p. 31).

O esporte transformou-se de esporte espetáculo em esporte tele-espetáculo. Este é definido por Betti (1998, p. 395) como: “Uma realidade textualmente autônoma, apoiada na capacidade que tem qualquer imagem de autonomizar-se com relação ao seu referente no mundo real.”

O esporte tele-espetáculo é uma forma esportiva que veio a complexificar o mundo esportivo, que cria espectadores virtuais, que permite reviver momentos passados, projetar os futuros e que cria um enorme mercado de consumo, como observamos na última copa do mundo, cuja festa de abertura foi (tele)assistida por 4 bilhões de tele-espectadores no mundo todo.

Outro aspecto relevante da relação TV esporte diz respeito à crescente especialização das transmissões televisivas segundo o público alvo. Segundo Betti (1998, p. 398), a TV a cabo está direcionada ao público de classe média e transmite principalmente esportes “radicais” e da “natureza”. Essas práticas têm um forte caráter hedonista e são na verdade uma recriação, uma montagem que pouca relação guarda com o ambiente original. As imagens são vertiginosas, mutáveis, carregadas de música suave ou violenta segundo o ambiente virtual que se queira criar. A TV a cabo nos mostra surfistas pegando ondas constantemente e mudanças de perspectiva do ambiente que nos permitem ter uma visão panorâmica do local onde acontece o encontro ou competição. Já a TV aberta se direciona cada vez mais às classes populares e transmite principalmente jogos de futebol e histórias de jogadores que conseguiram o feito de se tornar heróis.

4 O tratamento do herói esportivo no campo acadêmico da Educação Física

Entendemos que é necessário compreender criticamente a construção das narrativas sobre os heróis esportivos pela relevância que as mes-

mas têm na construção da identidade social do esporte e da identidade corporal do sujeito. Analisaremos a seguir a produção de dois autores que abordaram o fenômeno do herói esportivo, são eles Rodrigo Helal e Kátia Rubio. Nossa escolha esteve direcionada a Helal e Rúbio, embora haja uma incipiente linha de produção no campo da Educação Física que aborde a problemática do mito do herói no esporte (ver a esse respeito CONBRACE, 1999) por serem os referidos autores àqueles que maior produção registram sobre a problemática abordada no presente trabalho.

Esses autores dedicam sua atenção a questões como preservação da história do herói esportivo e seu valor enquanto referência identitária válida para a sociedade, e à pressão exercida pela mídia sobre as estrelas de futebol, e negligenciam o mascaramento ideológico dessas histórias. A perspectiva de análise por nós assumida nos leva a acreditar que essas histórias “vendem” o discurso de que qualquer sujeito poderá ser herói, e portanto deixar sua condição de classe trabalhadora, somente como fruto de sua dedicação, esforço, disciplina, sempre individuais e a quota necessária de talento (dom divino), seguindo a trajetória da saga mítica do herói.

Acreditamos que em todo processo de produção teórica é importante que as diferentes posturas dialoguem no sentido de enriquecer a compreensão do objeto estudado, bem como que através dessas relações possam refletir sobre a própria produção. Assim sendo, realizaremos algumas considerações sobre a postura desses autores e paralela explicitaremos nosso olhar sobre o fenômeno.

Rodrigo Helal¹² publicou dois artigos em periódicos de circulação nacional nos quais analisa o discurso midiático sobre a derrota da seleção brasileira de futebol em mãos da França na Copa do Mundo de 1998 focalizando a figura de Ronaldinho (HELAL, 1998) e um segundo que aborda uma comparação entre o problema anteriormente e a biografia de Zico, no sentido de rastrear as estratégias de construção dos discursos, das narrativas sobre essas personalidades.

Helal (1998) entende que o esporte deve ser entendido contemporaneamente a partir da dramatização desse fenômeno pela mídia. Ainda, que a mídia integra junto com fãs, público e ídolos participam da “cerimônia espetacular” do esporte moderno. O autor parte do pressuposto de que o discurso midiático da derrota do Brasil para a França reflete as ambigüidades que se movimentam entre o sagrado e o profano, o lucro e a paixão. Outro ponto de partida assumido para a análise do fenômeno diz

respeito ao perfil atribuído ao ídolo esportivo, cuja característica central é a dimensão agonística do seu percurso. Ainda o autor ressalta a importância social do herói que consegue vencer as forças as que se enfrenta afirmando “Esta característica do ‘ídolo-herói’ acaba por transformar o universo do futebol em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade”. (HELAL, 1998, p. 146). Segundo Helal (1998, p. 146), “(...) estes heróis (os esportivos) são paradigmas dos anseios sociais, e através das narrativas de suas histórias uma cultura se expressa e se revela.” Compartilhamos com o autor a postura relacionada à concepção do herói enquanto figura paradigmática que reúne para si os anseios, que nós entendemos como fruto de frustrações coletivas causadas pela exclusão social gerada pelo sistema vigente. Ainda, a construção da figura do herói esportivo, como Helal coloca, não pode ser entendida fora da criação operada pela mídia, e dos interesses que orientam a produção midiática. Atualmente já não mais se entende o trabalho jornalístico como uma mera reprodução dos acontecimentos sociais, mas como uma “mediação” na qual é assumida uma perspectiva para selecionar as informações a serem transmitidas, bem como a perspectiva para analisar esses fenômenos. Assim sendo, entendemos que não pode ser entendido o herói simplesmente como a história de um indivíduo na qual se expressa uma cultura, mas como uma criação cultural orientada a cumprir determinados fins.

Helal (1998) descreve como acontece o processo de construção do perfil do “candidato a herói” Ronaldinho acumulando uma série de valores que caracterizam a personalidade desse personagem, como talento, humildade, serenidade, ambição. Para alavancar essa construção somam-se os depoimentos de astros consagrados do futebol que legitimam com a sua fala a condição de herói do jogador. Bem como são mostradas cenas nas quais o jogador repete rituais de heróis anteriores demonstrando sua disposição a assumir esse lugar vago, que aguarda pelo próximo ocupante. Também devemos destacar na produção do autor abordado a análise do tratamento do fracasso de Ronaldinho na copa e o processo de re-humanização operado pela mídia, que o situou novamente no lugar dos mortais, o que promove o processo de identificação da lenda viva com o público que vê nele um modelo que poderá ser seguido. Dessa maneira a figura de Ronaldinho assemelha-se à de Clark Kent que vive uma dupla condição de herói, de Superman e de sujeito típico da sociedade contemporânea. Esse quadro senta as bases para o início da construção da nova saga do herói que teve seu ápice na Copa do Mundo de 2002.

No segundo artigo produzido pelo autor ora analisado, Helal (1999) faz uma comparação entre as sagas de dois heróis, Ronaldinho e Zico, baseado no pressuposto de que “Em ambos os casos, o processo de humanização do mito torna-se elemento fundamental para mitificá-lo ainda mais em uma outra etapa, destacando o duelo entre a fragilidade do homem e o peso da “capa do herói”. (HELAL, 1999, p. 32). Neste segundo momento o autor destaca a função do herói enquanto redentor da sociedade, diferenciando-se assim das celebridades que viveriam somente para si. Outro aspecto interessante na compreensão do fenômeno estudado é a da noção de que as histórias dos heróis são construídas, midiáticas, com “traços que são recorrentes e super-enfatizados”. (Helal, 1999, p. 33). Essa mediação estaria dada pela mídia, bem como pelos assessores de imagem dos jogadores que profissionalizam o comportamento dos mesmos. Ainda, o autor entende que

Por isso podemos nos referir à idolatria no futebol dos anos 90 como uma idolatria “mediatizada”, **sem nenhum sentido pejorativo ou de questionamento quanto às qualidades extraordinárias destes ídolos.** (HELAL, 1999, p. 34).

Na frase acima podemos identificar a posição do autor sobre a relevância social da figura do herói esportivo e das qualidades que representa. Quando é abordada a figura do herói pela mídia Helal entende que há dois modelos no imaginário esportivo, por um lado a figura que representa o sucesso como fruto do talento inato sem a necessidade de esforço e determinação, acrescentados ainda por uma quota de irreverência. Por outro lado, o segundo modelo do herói está pautado pela valorização do esforço e da determinação como vetores do sucesso esportivo. Esse segundo modelo tem, na visão de Helal (1999), como representante paradigmático a Zico. Segundo o autor “A biografia de Zico fala de uma outra realidade, calcada primordialmente no predomínio do esforço e da determinação como instrumentos basilares para se alcançar êxito.”¹³ (HELAL, 1999, p. 41).

O autor entende que o modelo identitário representado por Zico seja de grande relevância para a orientação dos adolescentes em uma interessante nota de rodapé que aqui reproduzimos “Notemos que a FTD é uma editora especializada em livros dirigidos para o público juvenil. A publicação da biografia de Zico nesta editora revela **a crença na importância da sua biografia para a formação do caráter.**” (HELAL, 1999, p. 41, grifo

nosso). Mais adiante o autor afirma que após a derrota da Copa do mundo de 1982 Zico refez a sua carreira e atingiu o sucesso “No final das contas, estamos diante de um vitorioso, hoje um empresário bem sucedido.” (Ibid., p. 49). Entendemos que o posicionamento favorável à criação de modelos referenciais encarnados pelos ídolos, neste caso por Zico, deve ser tratado com sumo cuidado. Inicialmente concordaríamos com os valores apontados em parte: dedicação, honestidade, altruísmo, luta e esforço, que são valores considerados relevantes por nós. Entretanto, esses valores estão sempre vinculados à dedicação e esforço individuais, ao sucesso pessoal do sujeito tornado herói, que na melhor das hipóteses redimiria com o seu sucesso¹⁴ num plano compensatório as frustrações coletivas. Todavia, o destaque dado a Zico adquire maior relevância na medida que a transformação vivenciada por Zico aponta no sentido do desejo coletivo criado na sociedade capitalista “o empresário bem sucedido”.

Helal (1999) destaca a situação de pobreza de Zico aliada ao talento “inato” como ingredientes necessários para a construção de toda história de herói “A pobreza ou a infância simples ajudam na identificação com o homem comum, e o talento inato enquadra-se na ordem das coisas inexplicáveis, fazendo com que os ídolos sejam vistos como seres singulares, diferenciando-os dos demais.” (HELAL, 1999, p. 43). Na passagem anterior vemos claramente explicitado o recurso do mito herói para legitimar o sucesso de alguns e o fracasso da maioria que participa do jogo contar ou não com o talento inato, o dom divino de que somente alguns são merecedores. Dessa maneira vemos um processo de legitimação da figura do herói desvinculado de qualquer reflexão de cunho sociológico sobre o papel dessa produção midiática no contexto social contemporâneo. Posicionamento que se observa novamente quando o autor afirma que

A análise das formas como são construídas as narrativas míticas do futebol nos mostra a existência de uma espécie de “acordo” estabelecido na relação entre mídia e cultura popular. Instrumento legitimador, por excelência, de modelos e ideais que permeiam nosso imaginário, **a mídia busca estabelecer uma “cooperação” com os fãs e os ídolos** (HELAL, 1999, p. 49, grifo nosso).

Vemos no trecho acima explicitada a idéia que haveria uma relação horizontal entre a mídia e o público que estabeleceriam uma parceria entre amigos, uma relação de diálogo sem mediação de interesses. Sinte-

tizando as colocações podemos dizer que Helal posiciona-se numa perspectiva legitimadora da figura do herói ressaltando o valor dessas figuras enquanto modelos de referência para os sujeitos, e, embora entenda que o herói é uma criação dos meios de comunicação de massa, o autor assume uma perspectiva descontextualizada da trama de relações e interesses que cercam a essa produção midiática.

A segunda autora objeto de nossa análise, Kátia Rubio, produziu dois trabalhos também complementares: um primeiro no formato de artigo (RUBIO, 1999) e um segundo no formato de livro, produto da sua tese de doutorado. (RUBIO, 2001). Esta autora concebe o herói como uma constante antropológica que contém duas faces, por um lado uma “pequena guerra santa” na qual o indivíduo se confronta com os demônios interiores, com o caos e por outro lado a guerra observável (RUBIO, 1999, p. 60), que no caso do herói esportivo está representada pela luta travada na arena esportiva, e por outro lado também na vida pessoal do herói, uma vez esses indivíduos estão submetidos a constantes pressões que negam ou sobrecarregam a face humana dos mesmos (RUBIO 1999, 2001). Essa dualidade da figura do herói continua sendo válida para explicar o modelo identitário que representa tanto no aspecto individual quanto coletivo enquanto figura arquetípica:

Isso quer dizer que esse esquema (o arquétipo do herói) tem um significado psicológico tanto para o indivíduo – no seu esforço em encontrar e afirmar sua personalidade- como para a sociedade- na sua necessidade análoga de estabelecer uma identidade coletivo. (RUBIO, 1999, p. 62).

A base teórica para a compreensão do fenômeno utilizada por Rubio provem do campo do imaginário social, na perspectiva antropológica proposta por Gilbert Durand e na teoria mitológica de Joseph Campbell. A motivação do estudo da autora é a problemática da dualidade da personalidade do atleta tornado herói enquanto figura do espetáculo esportivo, tornada um semi-deus, e a saga, a história vivenciada pelo herói para completar a sua jornada e como ao mesmo tempo esse sujeito vivencia uma vida humana, caracterizada por constantes renúncias e privações. (RUBIO, 1999, 2001).

Rubio (1999, 2001) posiciona-se de forma compassiva com a figura do atleta em virtude das privações que caracterizam a vida do mesmo,

Submetido a uma rotina desgastante de treinos e jogos, o atleta se vê envolvido por ausência de contato com a família, super-exposição na mídia e a impossibilidade de admitir –para si e para o público– suas fragilidades, angústias e incertezas, posto que ainda que uma figura mítica, nosso herói contemporâneo não habita o Olimpo nem bebe da ambrosia com os deuses, mas estabelece relações afetivas e sofre com os transtornos que cercam a vida de um atleta que também é cidadão . (RUBIO, 1999, p. 65).

A postura antes delineada vê-se contradita quando Rubio (2001) legitima o sacrifício de um dos seus sujeitos de pesquisa, uma menina de 10 anos que treinava ginástica olímpica. Na entrevista a menina relata a dificuldade de enfrentar e suportar o ritmo de treinamento somado à escola. Realizando uma interpretação desse depoimento a autora afirma que “A atitude heróica dessa atleta se apresenta nos inúmeros desafios da tarefa que vão sendo apresentados diariamente, a cada treino, *a cada machucado, a cada dor, pondo à prova a vontade de permanecer perseguindo um desejo e um ideal.*” (RUBIO, 2001, p. 156-157, grifo nosso).

O caráter guerreiro do herói leva a autora a compartilhar com Helal a postura de que o herói esportivo é regido por um vetor central, qual seja a dimensão agonística do esporte enquanto eixo articular da vida desse sujeito (RUBIO, 2001). Entretanto, em ambos os autores esta condição carece de uma profunda relação com o valor central do capitalismo, a competição em condições de “aparente igualdade”. Entendemos que esse seja o motivo central da utilização maciça do esporte, principalmente do esporte de rendimento, para a adequação do sujeito a um determinado modelo social, como Bracht (1992) aponta. Assim sendo, entendemos que há em ambos autores uma perspectiva naturalizante do valor da competição.

Ao se referir ao papel do herói contemporâneo a autora assume postura próxima de Helal e daquela por nós defendida, por entender que a figura do herói tem como função, principalmente para os adolescentes, preencher o vazio e a necessidade das grandes conquistas (RUBIO, 1999).

Outro ponto de partida da autora é utilizar a trajetória arquetípica do herói como fundamento para compreender o trajeto do herói esportivo, separação-iniciação-retorno. (RUBIO, 1999, 2001). No entanto, entendemos que a autora tende a naturalizar, de forma semelhante a Helal,

a figura do herói desvinculando a mesma do sistema simbólico que essa figura legitima. Segundo Rubio (1999, p. 69-70),

Esse indivíduo a que nos referimos, que vem a ser identificado como um ser raro, um entre milhares, usufrui dessa condição uma vez que é mínima a parcela da população que pratica esporte e consegue atingir níveis de atuação e exposição que justifiquem sua condição de ídolo.

Durante o processo de análise das trajetórias dos sujeitos entrevistados na pesquisa de doutorado, todos eles atletas que completaram a saga do herói ou que contam com o potencial necessário para tal feito são apontados como aqueles que ouviram o “chamado” como sujeitos cujo destino lhes indicava o caminho, ora por uma escolha individual, ora por uma situação fortuíta (RUBIO, 2001, p. 139-207).

Esse processo de naturalização da figura do herói é reforçado com a interpretação do depoimento de outro dos sujeitos de pesquisa de Rubio, neste caso jogador de voleibol da categoria juvenil.

Assim D. se pôs, ou foi posto, no caminho da aventura. Atendendo ao chamado para realizar seu mito pessoal, saiu da cidade onde começou a jogar e veio para São Paulo, lugar que concentra um grande número de clubes, grandes e médios, capazes de transformar um sonho em realidade, e efetivamente começou sua jornada. (RUBIO, 2001, p. 163).

A limitação da análise à restrita possibilidade de um atleta vir a se tornar herói, sem entender quais os determinantes desse processo e qual o destino daqueles que não conseguem atingir essa condição, nos parece insuficiente porque o sistema esportivo provoca a exclusão do sistema de grandes massas populacionais que apostam no esporte profissional como um meio de ascensão social. Segundo estatísticas do clube argentino Boca Juniors, das 20.000 crianças e adolescentes que anualmente realizam a peneira para alimentar as divisões de base do clube, somente 5 irão jogar alguma vez como profissionais e somente 1 permanecerá no Boca Juniors e terá destaque no time¹⁵. Para o responsável pelas divisões de base esse é um processo “normal”. (JORNAL CLARÍN DIGITAL, 1998). Segundo pesquisa realizada pelo Jornal Clarín a maioria dessas crianças abandona o lar com a promessa de receber alimentação, casa e educação, e com a esperança (e

muitas vezes) a obrigação de ser bem sucedido para auxiliar a família. Essa venda do desejo e da possibilidade de ascensão social via esporte profissional gera deve ser observada como um processo que tende a legitimar a postura de que não será mediante um processo de formação educacional que será possível para o sujeito mudar a sua condição sócio-econômica. Como Fonseca (1994) nos aponta o sujeito de classe popular não concebe o conhecimento adquirido no sistema educacional formal como uma ferramenta que lhe abra novos espaços na sociedade tanto pela dificuldade ao acesso desse conhecimento, quanto pela limitação do capital social desse sujeito. Assim sendo, todas as estratégias que mostrem caminhos de ascensão social diferentes do sistema educacional, por exemplo através do esporte, reforçarão a relação distante com o saber que o sujeito de classe popular tem.

Rubio (2001) entende que o herói esportivo contemporâneo, que encontra seu apogeu nos jogos olímpicos modernos, pode ser comparado com a figura mítica equivalente dos jogos olímpicos gregos. Entendemos que os jogos olímpicos modernos somente poderão ser compreendidos dentro da configuração de relações econômicas e das guerras simbólicas que eles representam. O herói dos jogos gregos era considerado um sujeito que contava com uma sólida formação dual de artes e de ginástica, isto é, o rendimento esportivo era considerado parte do processo de formação do sujeito (DIEM, 1966). No esporte moderno o atleta profissional torna-se um objeto de manipulação tanto bioquímica quanto comercial, sendo desprezada sua formação humana.

Outro aspecto que merece destaque na análise de Rubio (2001) é a escolha dos sujeitos de pesquisa. Os cinco atletas ou ex-atletas que fizeram parte desse grupo enquadravam-se nos parâmetros definidos pela autora, portanto constituem histórias “exemplares”. Esse ponto nos parece problemático uma vez que a figura do herói grego, que aqui é utilizada como referência, era uma construção literária a servir como referência para a formação do ideal aristocrático da época, que contava entre seus fundamentos com valores como honradez e valentia. No entanto, sabemos que o mundo esportivo mercadorizado adota modelos diferentes do descrito anteriormente uma vez que o valor central do herói contemporâneo reside na possibilidade de conseguir atrair para si através de diversas estratégias midiáticas uma massiva identificação popular e conseqüentemente promover o consumo dos produtos são associados a sua figura.

Outro aspecto que assumimos na nossa análise diz respeito à relação com o conhecimento que estas estratégias colocam, em um país no qual o acesso à educação superior ainda continua sendo privilégio de poucos, a ascensão social via esporte tem se constituído em uma forma de legitimação do distanciamento das classes populares do acesso ao conhecimento, bem como uma forma de desmobilização de classe porque quem o vencedor da história do herói será escolhido pelos deuses (do mercado) e para participar do jogo será suficiente contar com perseverança, dedicação, disciplina, humildade e respeito (irreflexivo) num plano individual e não coletivo.

5 Considerações finais

Restam ainda para ser abordadas questões relativas à relevância da análise ora operada e ao mito enquanto um produto cultural que não pode ser somente criticado a partir de uma perspectiva meramente racionalista. O mito enquanto narrativa coletiva deve ser abordado a partir do complexo jogo de emoções, desejos e sentimentos populares que nele são conjugados e manipulados. Nesse ponto tornamos nossas as palavras de Silva (1999, p. 15):

Há estratégias neoliberais específicas para a educação institucionalizada, mas é preciso pensar também no ataque neoliberal como uma espécie de pedagogia mais ampla que tira vantagem da compreensão que a nova direita tem das tecnologias de manipulação do afeto, do desejo e da cognição. Um projeto alternativo que possa servir de contraposição à ofensiva neoliberal não terá nenhum sucesso se não compreender primeiro como funciona essa nova economia do afeto e do sentimento, na qual a apropriada utilização da mídia (e do esporte) adquire um papel central.

Compreendemos o fenômeno do herói esportivo criado pela mídia como uma das estratégias mais eficazes no processo de orientação da “economia política dos afetos” no sistema neoliberal. O herói esportivo tem se tornado uma figura emblemática na captação de anseios e frustrações populares, principalmente do excluído, daquele a quem se nega o direito de ser amado pela sociedade em que vive, de contar com a aceitação por parte do outro como um ser humano digno e de ter acesso aos bens materiais e simbólicos que a sociedade produz.

Acreditamos que o herói esportivo deve ser entendido como uma produção midiática que se configura enquanto uma das mais importantes estratégias de controle social por parte dos grupos dominantes da nossa sociedade globalizada. O herói é o ícone da salvação, da redenção do oprimido. Um modelo sempre individual e que deverá contar com a benção dos deuses do mercado (sempre invisíveis e imprevisíveis) para alcançar o sucesso. Assim sendo, o próprio sistema que cria miséria, também produz formas de mascarar a origem da miséria e salvo-condutos enganosos para os excluídos visualizarem perspectivas de mudança da sua condição social.

Nos chama a atenção o poder que esta figura adquire não somente no contexto popular, como já colocamos, mas também no contexto acadêmico. A sedução operada por esta personagem parece ser ampla, alcançando também aos sujeitos supostamente mais esclarecidos. O canto da sereia que a história do herói representa extrapola os limites da racionalidade que poderia operar como um filtro. Podemos suspeitar que o modelo de ser humano que a nossa sociedade produz está orientado à produção de subjetividades frágeis dependentes de figuras salvadoras, como os heróis esportivos ou os super-homens políticos que comandam os regimes totalitários. Essas personagens adquirem o status de contraponto ao eu fragilizado que nos caracteriza. Interessante é apontar o quanto os fundamentalismos, como o fundamentalismo de mercado, se nutrem dessas construções de vinculações afetivas irracionais em volta da figura de um herói, de um escolhido para se legitimarem.

Consideramos relevante destacar que cabe à Educação Física um papel fundamental nesse processo, qual seja o de esclarecer os processos de criação das narrativas sobre os heróis esportivos. Esta área de conhecimento, principalmente no contexto escolar, mas também nos clubes e escolhinhas de iniciação esportiva devem contextualizar a figura do herói esportivo a partir da complexa rede de interesses que perpassam a vida do atleta. Ainda, cabe à Educação Física promover a reflexão sobre a condição de escravo moderno que os atletas esportivos vivenciam. Os mesmos são submetidos a um regime de “compra e venda” por parte dos mercadores do negócio esportivo, são controlados pelos ditames dos interesses das corporações que “compram e negociam” a imagem do herói, e têm uma segunda vida criada pela mídia que constrói e destrói histórias de heróis esportivos com uma velocidade alarmante. A figura do herói é produto de uma *estória* construída com alguns retalhos de verdade mascarada de verdade revelada.

Notas

- 2 Também recomendamos ao leitor se remeter à obra de Bronislaw Baczko (1999) para uma excelente comparação entre os processos funerários de Marx e Engels e a relação dos mesmos com a obra de cada um desses autores.
- 3 Dizemos pseudo-capitalista porque o herói, pelo menos àquele veiculado maciçamente pela mídia, sempre é extremamente limitado no seu capital cultural e na sua formação política. Conseqüentemente as possibilidades de interferência do mesmo no sistema são sempre extremamente limitadas. No entanto, essa transformação sempre é apresentada enquanto mudança ontológica do sujeito que sabemos está pautada, no sistema capitalista, a partir do acúmulo de capital.
- 4 Liberdade de mercado, ou seja, a possibilidade de atuar dentro da sociedade com limites cada vez mais amplos em virtude do acúmulo de capital econômico, e como extensão deste, do capital social e sexual adquirido no processo da viagem do herói. Capacidade de aquisição de bens, carros, roupas, casas, pseudo-amor e todos aqueles bens que posam ser negociados a um bom preço.
- 5 Por outro lado a construção de figuras heróicas perpassa toda narrativa nacional e de diferentes sistemas políticos como vemos em Cuba com a figura do Che Guevara que é introduzida no mundo infantil a partir da decoração de valores que a essa figura paradigmática lhe são atribuídos. Também apontamos para a relevância que têm ganhado as narrativas elaboradas em torno dos heróis nacionais no estudo dos processos de construção de identidades nacionais. Para aprofundar este tema ver Félix e Elmir (1998).
- 6 É importante ressaltar que entendemos às instituições mencionadas, e de forma mais ampla à sociedade como campos nos quais se travam conflitos tanto de ordem pessoal quanto por projetos, por visões divergentes, por concepções antagônicas.
- 7 Segundo Campbell (1998), o mito tem como função dar um norte, ser um modelo heurístico para o ser humano.
- 8 Nos apropriamos deste conceito cunhado por Ecco (apud BETTI, 1998).

- 9 Escolhemos dar a denominação de espectador para o público que consome os produtos da mídia, em virtude desta ser produzida com base na espetacularização dos diversos fenômenos que são veiculados. O processo de mediação, nos moldes contemporâneos está orientado pelo apelo à emoção, a identificação imediata do espectador com o *show* transmitido.
- 10 Sabemos que a “rua” é talvez um espaço privilegiado na formação do imaginário esportivo, no entanto pelo seu lugar “não oficial” não tem merecido até hoje uma atenção particular. Ainda, as figuras do “folclore esportivo da rua” são calcadas nos moldes das figuras construídas a partir das instituições esportivas, assim sendo a rua só pode ser compreendida a partir da relação que estabelece com o universo do “esporte oficial”.
- 11 As figuras míticas também fazem parte de histórias de práticas corporais de grupos étnicos que não vivenciam um processo de espetacularização, como uma constante antropológica. No entanto, no presente trabalho trabalhamos na perspectiva do processo específico da criação de mitos esportivos a partir da mídia e suas implicações no contexto das relações sociais da ordem social neoliberal.
- 12 Foram selecionados estes artigos em virtude de terem sido publicados em periódicos da área da Educação Física de ampla divulgação, pelo que podemos suspeitar que tenham sido os de maior impacto no âmbito acadêmico dessa área de conhecimento.
- 13 Essa análise teve como base a biografia, publicada em 1986, *Zico: uma lição de vida*, de autoria de Marcus Vinícius de Bucar Nunes.
- 14 Zico é apontado por Helal (1999, p. 41) como um empresário bem sucedido do ramo futebolístico.
- 15 Está implícito que as crianças que participam desse processo pertencem às camadas populares, camadas excluídas do processo de distribuição da riqueza dos países latino-americanos.

Referências

- BACZKO, B. *Los Imaginarios sociales*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999.
- BETTI, M. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação*. Campinas: Papirus, 1998.
- _____. TV a cabo: a maximização do esporte telespetáculo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Ijuí, v. 21, n. 1, p. 394-401, set. 1999.
- BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, 1997.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CAMPBELL, J. *El poder del mito*. Buenos Aires: Emecé, 1998.
- _____. The Hero with a thousand faces. Nova Iorque: MJF Books, [199-].
- CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CONBRACE, 11, *Anais...* Ijuí: Unijuí, 1999.
- DIEM, C. *Historia de los deportes*. Barcelona: Luis de Caralt, 1966. v. 1.
- FÉLIX, L. O.; ELMIR, C. P. (Org.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1998.
- FEIXA, C. La aventura imaginária: una visión antropológica. *Revista Apunts*, Barcelona, n. 41, p. 44-52, 1994.
- FONSECA, C. Preparando-se para a vida: reflexões sobre escola e adolescência em grupos populares. *Em Aberto*, Brasília, n. 61, p. 144-155, 1994.
- GRIESWELLE, D. A gênese dos esporte moderno. In: SPORTSOZIOLOGIE. Tradução de Valter Bracht. Stuttgart: Kohlhammer / Urban, 1978. Mimeografado.
- HELAL, R. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, nov. 1998.
- _____. Mídia, ídolos e heróis de futebol. *Revista Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*, Santa Maria, n. 2, v. 2, p. 32-52, [19-?].
- JORNAL CLARÍN. Disponível em: <<http://www.clarin.com/>>. Acesso em: 1998.
- LAGUIELLAUMIE, P. Para uma crítica fundamental del deporte. In: *Deporte, Cultura y Represión*. Barcelona: Gustavo Gili, 1978. p. 33-54.
- RUBIO, K. O imaginário esportivo ou seriam heróis os atletas modernos? *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 56-74, nov. 1999.
- _____. *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- SILVA, T. A nova direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia. In: SILVA, Tomaz Tadeu da.; GENTILI, P. A. A. (Org.). *Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Neoliberal mystics, sports, media and the sport hero: the construction of a patchwork story of a truth disguised as absolute truth

Abstract:

This article intends to discuss the sport-hero profile as a strategy of building up a determined configuration of human subjectivity, especially within the popular classes. The purpose of this strategy is the reproduction of the capitalist social structure. The analysis focus on the relation among three basic components of this process, three fundamental elements to shape the sport-hero's profile: the sport-hero, social imaginary and mass media. Furthermore, the article suggests a critical analysis concerning the most usual perspectives to approach the sport-hero phenomenon offered by Physical Education academic world, and finally points out other possibilities to analyse the sport-hero phenomenon.

Key Words: *Heroes; Sports*

La mítica neoliberal, el sistema esportivo, la mídia y el o héroe desportivo: la construcción de una historia de retallos de la verdad, mascarada de la verdad revelada

Resumen

El presente artículo propone una discusión de la figura del héroe deportivo, entendido como una estrategia de formatación de la subjetividad humana, principalmente de las clases populares, en el sentido de favorecer la reproducción de la estructura social capitalista y también como estrategia para ocultar las contradicciones de la citada estructura. El análisis está centrado en la triple relación entre el personaje del héroe deportivo, el imaginario social y la mídia, una vez que esos elementos son entendidos como los pilares para la creación de la trayectoria de los personajes heroicos del mundo deportivo. Además, se hace un análisis crítico de la perspectiva que ha sido asumida en el campo académico de la Educación Física para abordar el fenómeno del héroe y se dan posibilidades para otro procedimiento de análisis de ese fenómeno.

Palabras clave: *Héroes; Deportes*

FADEP
CX. Postal 242- Pato Branco -PR
Cedp: 85 503-350
Email santiagopich@yahoo.com

Recebido em:03/02/2003
Aprovado em:01/05/2003